

ISRAEL / O general centrista Benny Gantz reconhece a derrota nas eleições legislativas e abre espaço para o quinto mandato do premiê. Líder do partido de direita Likud pode se tornar o primeiro-ministro mais longo do Estado judeu, superando Ben-Gurion

Netanyahu faz história



Thomas Coexa/AFP

» RODRIGO CRAVEIRO

Benjamin Netanyahu está a 72 dias de superar David Ben-Gurion, fundador do Estado de Israel, como o primeiro-ministro que governou por mais tempo a nação judia. “Bibi” — como é chamado pelos simpatizantes — assegurou o quinto mandato como chefe de governo, após o seu partido de direita Likud derrotar a facção centrista Lista Azul-Branco, do general e ex-paraquedista Benny Gantz. Apesar de as duas legendas terem obtido o mesmo número de cadeiras (35), o bloco de centro-direita conseguiu mais assentos (65 contra 55), o que pavimenta a permanência de Netanyahu no poder. Estavam em disputa as 120 cadeiras da Knesset (Parlamento). “O povo de Israel me deu seu apoio para um quinto mandato, e expressou uma confiança ainda maior”, comemorou o premiê. Pelo menos 4,2 milhões dos 6,3 milhões de eleitores votaram nas eleições legislativas, um índice de participação de 67,9% contra 71,8% no pleito de 2015.

Gantz admitiu a derrota nas urnas, mas acenou com uma oposição sólida. “Nós somos todos democratas, nós aceitamos a decisão da nação. Eu não entrei na política pelo prestígio, vim com propósito, pela sociedade israelense, pelo senso de um grande amor pelo Estado. Este é apenas o primeiro dia da próxima década na qual eu pretendo servir ao público israelense de toda maneira que eu puder”, declarou, destoando do otimismo da véspera, quando chegou a anunciar a própria vitória. Mas a humilhação maior ficou por conta da esquerda — o histórico Partido Trabalhista, do falecido ex-premiê Shimon Peres, ficou com apenas seis cadeiras na Knesset.

Por sua vez, Yair Lapid, número 2 da Lista Azul-Branco, prometeu que seu partido tornará a vida de Netanyahu “um inferno”. O presidente israelense, Reuven Rivlin, espera iniciar, na próxima semana, conversas “em nome da transparência” com as lideranças políticas. O candidato escolhido por ele para ser primeiro-ministro terá um prazo de 42 dias para formar o governo. Analistas consideram essa formalidade meramente protocolar, pois Netanyahu detém a preferência de Rivlin, que pretende televisar as negociações.

Alon Ben-Meir, professor de relações internacionais da Universidade de Nova York e especialista em Oriente Médio, antevê um novo governo difícil e turbulento. “Netanyahu agirá de forma furiosa para consolidar o seu poder, para manter a ocupação e para prevenir o estabelecimento de um Estado palestino”, afirmou ao **Correio**. Segundo o especialista, não há dúvidas de que a formação de novo governo de coalizão intensificará o confronto com os palestinos. “A resistência violenta se tornará mais frequente, e pode precipitar um embate em larga escala entre os dois lados. Netanyahu será o mais longo premiê e continuará a causar mais danos à futura segurança e ao bem-estar de Israel do que todos os seus antecessores juntos.”

Ben-Meir não descarta a renúncia de Netanyahu depois de julho, quando o procurador-geral de Israel, Avichai Mendelblit,

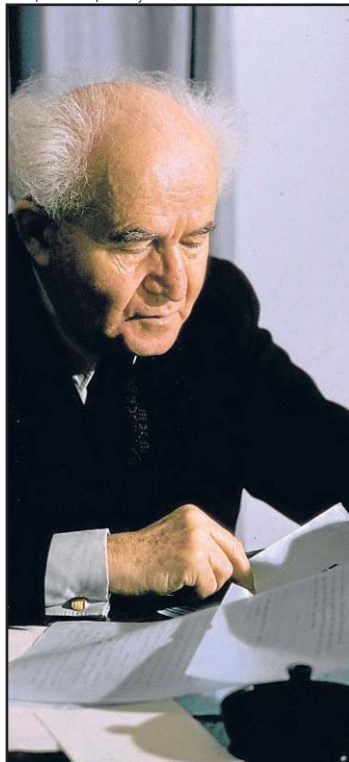
Menahem Kahana/AFP



Nós somos todos democratas, nós aceitamos a decisão da nação. (...) Este é apenas o primeiro dia da próxima década na qual eu pretendo servir ao público israelense de toda maneira que eu puder”

Benny Gantz (foto), colíder do partido Lista Azul-Branco, ao reconhecer a derrota para o Likud, de Benjamin Netanyahu

Wikipedia/Reprodução



O fundador da nação

O lendário primeiro-ministro David Ben-Gurion ocupou a chefia de governo de 17 de maio de 1948 a 26 de junho de 1953. Três dias antes de assumir o posto, em 14 de maio, declarou a independência do Estado de Israel, encerrando a tutela sob o Reino Unido. À época, prometeu que a nova nação “defenderia a plena igualdade social e política de todos os seus cidadãos, sem distinção de religião ou raça”. Ávido apaixonado pelo sionismo, Ben-Gurion renunciou em 1963, alegando razões pessoais. Ele se mudou para o Sde Boker, um kibbutz no Deserto do Negev, onde permaneceu até sua morte, em 1973, aos 87 anos.

acusará formalmente o premiê por três escândalos de corrupção. “É difícil prever exatamente o que pode ocorrer, dados os meandros do sistema político de Israel e as brechas no Judiciário que podem permitir-lhe evitar a prisão. Caso seja removido, Netanyahu será substituído por um integrante do Likud tão linha-dura quanto ele”, comentou.

Palestinos

A vitória do Likud e de Netanyahu foi recebida com preocupação pela liderança palestina. Saeb Erekat, secretário-geral da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e principal nego-

ciador em um eventual processo de paz, considerou que “os israelenses votaram para manter o status quo, no que diz respeito à ocupação da Palestina”. “Eles votaram pelo apartheid e pela ocupação sem fim. As pesquisas de boca de urna mostram que somente 18 dos 120 novos membros da Knesset apoiam a solução de dois Estados, com fronteiras de 1967”, lamentou Erekat.

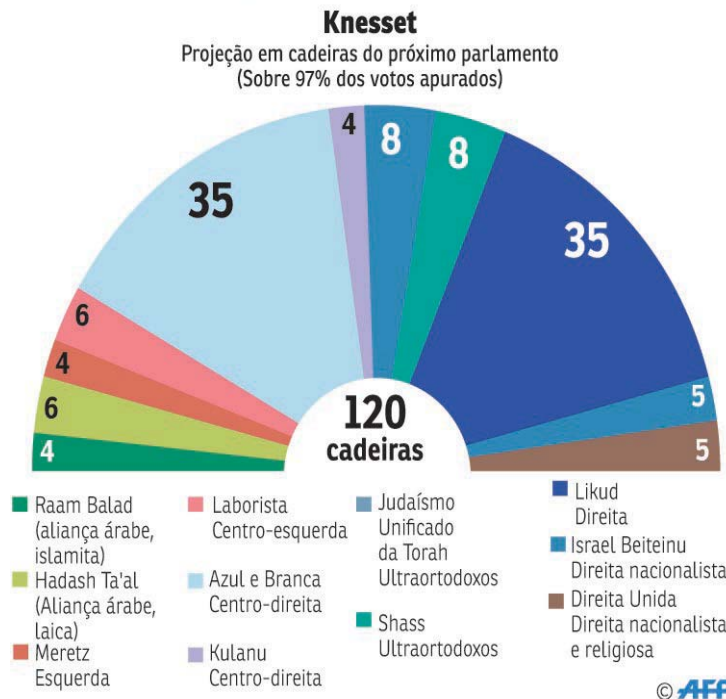
Hanan Ashrawi, membro do Comitê Executivo da OLP, acusou os israelenses de votarem em candidatos “que estão inequivocadamente comprometidos com a consolidação do status quo da opressão, da ocupação, da anexação e da expropriação da Pa-

lestina, além da escalada de ataques aos direitos humanos e nacionais palestinos”. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, telefonou para Netanyahu, o parabenizou e externou otimismo em relação a um pacto de paz. Dois incidentes elevaram ontem a tensão entre israelenses e árabes. De acordo com o jornal *The Jerusalem Post*, um artefato explosivo foi lançado sobre um ônibus perto do vilarejo palestino de Jinsafut, na Cisjordânia. Por sorte, o dispositivo não explodiu. Em Shuafar, bairro de Jerusalém, uma viatura da polícia foi atingida por um coquetel molotov, que provocou apenas danos materiais.

Trump vê chance à paz

O presidente americano, Donald Trump, afirmou que a provável consolidação de um quinto mandato de Netanyahu aumenta as probabilidades de se conseguir a paz no Oriente Médio. “Agora que ‘Bibi’ (apelido do premiê) ganhou, acho que veremos boas coisas em relação à paz”, disse o republicano, ao evocar um plano negociado por Washington. “Todo mundo disse que não pode haver paz no Oriente Médio entre Israel e os palestinos. Acho que temos uma oportunidade e acho que, agora, temos uma chance melhor.” Trump aproveitou para felicitar o “aliado formidável”.

Como fica o Parlamento



Personagem da notícia

“Rei Bibi”, o sobrevivente

Benjamin “Bibi” Netanyahu ascendeu ao poder em 2009 e emprestou a Israel a face de um Estado indisposto a fazer concessões em nome da segurança e determinado a revidar, com poder de fogo algumas vezes desproporcional, as ameaças representadas por foguetes palestinos disparados da Faixa de Gaza. O homem forte do Likud, o partido direitista com forte viés conservador, tem se revelado um sobrevivente. Apesar das suspeitas de corrupção e de uma férrea concorrência da Lista Azul-Branco, de inclinação de centro, ele manteve a hegemonia absoluta na Knesset (Parlamento). O “Rei Bibi”, como é chamado pelos seguidores, soube tirar vantagem do jogo das alianças entre os grupos políticos de Israel.

Acuado por três acusações de corrupção, que vão do recebimento de presentes de oligarcas até a manipulação midiática em benefício próprio, Netanyahu se impôs como o líder capaz de garantir a segurança do Estado judeu. Ele promete um governo de direita, porém, inclusive. “Serei um primeiro-ministro para todos”, afirmou, destoando do mantra proferido durante a campanha. Em 11 de março passado, disse que Israel era o “Estado do povo judeu” e não de “todos os seus cidadãos”. A declaração foi mal-recebida por 20% da população árabe e influenciou na alta abstenção, antontem.

Ex-assessor de Netanyahu, Dore Gold avaliou que o segredo do sucesso está no fato de que ele “entende o DNA do eleitor israelense”. “Bibi” conseguiu utilizar o respaldo sem precedentes do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, para melhorar a imagem de Israel no mundo sem ter que ceder muito em troca. “O povo israelense viu que não se tratava de um passo para trás, mas de um salto para frente. Isso pavimentou o caminho para uma extraordinária vitória nas eleições”, acrescentou Gold.

Persistência e astúcia são marcas indelévels do primeiro-ministro. Nascido em 21 de outubro de 1949, em Tel Aviv, Netanyahu serviu nas Forças de Defesa de Israel entre 1967 e 1972, e ficou ferido durante operação de comando para libertar reféns de um avião sequestrado por palestinos. Entre 1982 e 1988, foi diplomata em Washington e embaixador de Israel na ONU. Depois de retornar ao seu país, foi eleito na Knesset (Parlamento). Entre 1996 e 1999, ocupou o primeiro mandato como premiê. Depois de 10 anos, voltou a ser eleito primeiro-ministro, cargo ocupado até hoje.